

# Mercado S/A



**AMAURI SEGALLA**  
amaurisegalla@diariosassociados.com.br

Os brasileiros deveriam ser mais cuidadosos no uso do cartão de crédito

## Metade das dívidas em atraso no Brasil está relacionada ao cartão de crédito



Marcello Casal Jr/Agência Brasil

O cartão de crédito é o principal vilão da inadimplência dos brasileiros. Pelo menos, é isso o que mostra um estudo feito pela Recovery, empresa do grupo Itaú Unibanco que faz a administração de créditos inadimplentes. De acordo com o levantamento, metade das contas em atraso das pessoas físicas envolve o meio de pagamento. Para chegar a essa conclusão, a Recovery consultou sua base de dados, que é bastante significativa: nela estão 33 milhões de clientes com dívidas ativas, sendo que o saldo médio devedor é de R\$ 4,3 mil. Os brasileiros deveriam ser mais cuidadosos no uso do cartão de crédito. Os juros médios cobrados pelos bancos nas operações com o rotativo chegaram, em novembro de 2024, a 445,8% — o maior patamar desde maio de 2023, conforme dados do Banco Central. Não custa lembrar: o crédito rotativo é a modalidade mais cara do mercado financeiro e deveria ser evitada a todo o custo pelos consumidores.

Itaipu/Divulgacao



## Com estiagem, Itaipu reduz geração de energia

Os extremos do clima afetaram a produção de energia pela hidrelétrica de Itaipu. Em 2024, ela entregou 46,3 mil gigawatts-hora (GWh) para os consumidores brasileiros — trata-se do menor volume registrado desde 1992. “A produção das usinas hidrelétricas brasileiras no ano de 2024 foi afetada pela intensa estiagem que atingiu grande parte das bacias hidrográficas do país”, disse a empresa, em comunicado. Para 2025, a expectativa é de que a produção energética local volte a subir.

## Pedidos de recuperação judicial deverão aumentar em 2025

Em 2025, quando a Lei da Recuperação Judicial (RJ) completa 20 anos, o Brasil deverá registrar um aumento significativo nos pedidos de RJ. A projeção é da EXM Partners, consultoria especializada em turnaround, reestruturação de dívidas e administração judicial. Angelo Guerra Netto, sócio-fundador da empresa, atribui o cenário ao impacto prolongado do ciclo de alta da Selic, a taxa básica de juros da economia. “A Selic elevada intensifica as barreiras para a obtenção de crédito”, diz.

## Para HSBC, ações brasileiras são uma “armadilha”

É cada vez mais evidente a desconfiança da indústria financeira com o mercado acionário brasileiro. Em relatório enviado a clientes, o banco britânico HSBC classificou a Bolsa do Brasil (B3) como uma “armadilha”, sugerindo, portanto, que seus clientes fujam dela. “É improvável que o mercado tenha uma reclassificação até que haja um declínio nas taxas de juros e nos rendimentos dos títulos locais, o que pode não ocorrer antes do segundo semestre de 2025, no mínimo”, disse a instituição.

## RAPIDINHAS

» A companhia aérea Gol deixou de oferecer, desde 1º de janeiro, serviço de bordo em voos com menos de uma hora de duração. Nesses casos, os passageiros poderão solicitar apenas água. A exceção será a ponte aérea Rio-São Paulo. A Gol está em processo de recuperação judicial nos Estados Unidos e tem dívida líquida de R\$ 27,6 bilhões.

» O mercado automotivo brasileiro teve, em 2024, um ano para ser comemorado. De acordo com dados do Renavam, 2,6 milhões de veículos — incluindo automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus — foram emplacados no ano passado, o que representou um crescimento de 14% versus 2023. Trata-se do melhor resultado desde 2018.

» A XP anunciou, ontem, a compra de uma participação relevante na Center, assessoria de investimentos localizada em Curitiba. Fundada em 2010, a Center possui 8 mil clientes ativos e administra cerca de R\$ 5 bilhões. Sua meta audaciosa é chegar a R\$ 25 bilhões sob custódia até 2030. O valor da transação não foi revelado.

» A Associação dos Hospitais do Estado do Rio de Janeiro (AHERJ) revelou que a Unimed Ferj, federação que assumiu a carteira de clientes da Unimed-Rio no ano passado, tem atrasado o pagamento para hospitais, laboratórios, clínicas e médicos. Segundo estimativas feitas pela entidade, os débitos chegam a R\$ 400 milhões.

## R\$ 94 bilhões

serão investidos em projetos ferroviários no Brasil até 2026, segundo cálculos do Ministério dos Transportes



Nós tivemos um estresse no final do ano passado, no mundo todo. Mesmo o presidente eleito dos Estados Unidos deu declarações moderando determinadas propostas que foram feitas ao longo da campanha. É natural que as coisas se acomodem”

**Fernando Haddad**, ministro da Fazenda, quando perguntado sobre a alta do dólar

Ed Alves/CB/DA.Press



**COMÉRCIO EXTERIOR /** No acumulado do ano passado, as exportações recuaram 0,8%, para US\$ 337 bilhões, e as importações avançaram 9%, para US\$ 262,5 bilhões, resultando em um superavit na balança comercial de US\$ 74,6 bilhões, segundo Mdic

# Saldo cai 24,6% em 2024

» RAPHAEL PATI

O ano passado foi mais tímido para a balança comercial do que o anterior, de acordo com dados publicados ontem pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic). Em 2024, as exportações somaram US\$ 337 bilhões, o que representa uma queda de 0,8% em relação aos 12 meses anteriores, enquanto que as importações subiram 9%, atingindo um valor de US\$ 262,5 bilhões.

Diante disso, a balança comercial registrou superavit de US\$ 74,6 bilhões, o que representa uma queda de 24,6% na comparação com 2023. Apesar da queda, é o segundo maior resultado, em valores nominais, da balança comercial em toda a série histórica, atrás somente do ano anterior. A corrente de comércio também registrou o segundo maior valor acumulado no ano, com US\$ 599,5 bilhões, ao todo.

No ano passado, o setor agropecuário foi impactado pela queda de preços de commodities importantes, como a soja, e o valor final obtido foi de 72,5%, o que indica uma queda de 11% em relação ao ano anterior. Por outro lado, as exportações na indústria extrativa e na indústria de transformação avançaram no ano, tanto em valor obtido quanto em volume. As vendas nestes segmentos somaram US\$ 80,9 bilhões e US\$ 181,9 bilhões, respectivamente, com altas de 2,4% e 2,7%.

Quem se destacou foi o petróleo, que pela primeira vez em toda a série histórica (desde 1989), assumiu a primeira posição entre os bens exportados pelo país, por valor obtido em dólares. Nesse

período, o óleo bruto avançou 5,2% e somou US\$ 44,8 bilhões, com participação de 13,3% na soma total. A segunda posição ficou com a soja, que tradicionalmente aparece na primeira colocação, mas desta vez registrou queda de 19,4% no valor exportado, atingindo US\$ 42,9 bilhões no total. Pelo lado das importações, a aquisição de veículos automotivos de passageiros foi a que mais cresceu em 2024, entre os principais itens importados pelo país. Com um avanço de 43,2% em relação ao ano anterior, o valor total utilizado para a compra desses produtos alcançou US\$ 8,2 bilhões no ano passado. A primeira colocação ainda ficou com óleos combustíveis de petróleo que, apesar da queda de 12,3%, se manteve à frente de adubos e fertilizantes, que caíram 7,2% no mesmo período.

As importações para o Brasil cresceram em praticamente todos os principais parceiros comerciais do país no ano passado, com destaque para os produtos chineses, cujas importações avançaram 19,8%. Em relação às exportações, contudo, houve queda nas vendas de produtos nacionais para a China — maior parceiro comercial do Brasil — de 9,3%.

Para a América do Sul, o tombo das exportações brasileiras foi de 14%, e, para os países do Mercosul, o recuo foi de 14,1%, e, para a Argentina, os embarques desabaram 17,6%.

Segundo maior parceiro comercial do Brasil, os Estados Unidos comercializam ainda mais com o país em 2024, tanto pelas aquisições, quanto pela venda de produtos manufaturados. Em dezembro, o presidente eleito norte-americano, Donald Trump, ameaçou impor tarifas maiores

## Principais números

### DADOS DE JANEIRO A DEZEMBRO

| Indicador            | 2023  | 2024  | Variação(Em %) |
|----------------------|-------|-------|----------------|
| Exportações          | 339,7 | 337,0 | -0,8           |
| Importações          | 240,8 | 262,5 | 9,0            |
| Saldo comercial      | 98,9  | 74,6  | -24,6          |
| Corrente de comércio | 580,5 | 599,5 | 3,3            |

### DESTAQUES — EXPORTAÇÕES Em valores (US\$ bilhões)

| Produto                 | 2023 | 2024 | Variação (Em %) |
|-------------------------|------|------|-----------------|
| <b>MAIORES ALTAS</b>    |      |      |                 |
| Soja                    | 53,2 | 42,9 | -19,4           |
| Milho                   | 13,6 | 8,2  | -40,0           |
| Farelos de soja e ração | 12,1 | 10,6 | -14,4           |
| <b>MAIORES BAIXAS</b>   |      |      |                 |
| Café                    | 7,3  | 11,3 | 55,0            |
| Celulose                | 7,9  | 10,6 | 33,7            |
| Carne bovina            | 9,5  | 11,6 | 22,8            |

Fonte: Secex/Mdic

aos produtos brasileiros no país e reclamou da desigualdade de concorrência com os itens produzidos nos EUA, em um discurso com tom protecionista.

Sobre a relação com o país norte-americano, a secretária de Comércio Exterior, Tatiana Prazeres, salientou que não seria vantajoso impor barreiras para o comércio entre os dois países, visto que os EUA seriam os mais beneficiados, em tese, com a parceria. “É importante lembrar que o Brasil tem um déficit comercial com os Estados Unidos. Ou seja, o Brasil é um país que tem um superavit comercial

robusto como mundo, tem um déficit com os Estados Unidos e o oposto acontece com os Estados Unidos, que acumulam um déficit comercial com o mundo e um superavit comercial com o Brasil”, explicou a secretária, ontem, aos jornalistas.

“O Brasil, na contabilidade do próprio governo americano, somando-se bens e serviços, responde pelo 6º superavit comercial dos EUA, de maneira que, sobre esse critério, o Brasil, evidentemente, não deveria estar no foco das preocupações do governo americano”, disse, ainda, Prazeres, que acrescentou: “Brasil e



Estados Unidos têm uma relação histórica, têm vínculos econômicos e empresariais muito fortes, e nós trabalharemos para que esses vínculos sejam mantidos e aprofundados”.

## Projeções

Além de divulgar os dados sobre o ano passado, a Secex também publicou as estimativas oficiais do governo para o comércio exterior em 2025. De acordo com a projeção, o saldo da balança neste ano deve ficar entre US\$ 60 bilhões e US\$ 80 bilhões. A projeção, no entanto, carece de mais precisão

e pode indicar tanto uma queda quanto um aumento da balança. Sobre esse questionamento, o diretor de Estatísticas e Estudos do Comércio Exterior, Herlon Alves Brandão, explicou que não deve haver variações fortes no saldo final e haverá estabilidade nos resultados. “Não temos grandes sinalizações de grandes variações de preços de commodities, por exemplo, mas temos uma safra agrícola aumentando e vai ter uma oferta de bens exportáveis. A taxa de câmbio certamente influencia, mas ainda é incerto quanto vai ficar a taxa para o ano, e uma economia mundial que deve crescer e absorver mais bens brasileiros, sobretudo alimentos”, disse.

Para o especialista em Comércio Internacional e consultor da BMJ, Guilherme Gomes, fatores como o dólar instável e as incertezas em relação à política econômica de Donald Trump, nos EUA, reforçam a falta de previsibilidade do próprio governo em projetar cenários para este ano. “Isso ainda é uma grande preocupação e uma grande incerteza, então isso também dificulta uma previsão mais consolidada do Mdic”.

Na estimativa da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), a balança comercial deve registrar um saldo de US\$ 93,04 bilhões, acima da faixa prevista pela Secex, do Mdic. Para o presidente da AEB, José Augusto de Castro, que conversou com o Correio, as exportações devem ficar mais fortes este ano, com a valorização de commodities no mercado internacional. “Nós estamos contando que devem haver ‘soluções’ nos preços internacionais, que podem fazer com que as commodities fiquem mais caras, o que contribui para uma balança mais favorável”, destacou.